

HENNING MANKELL

O homem de Beijing

Tradução

George Schlesinger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Henning Mankell

Publicado mediante acordo com Leopard Förlag (Estocolmo) e Leonhardt & Hoier Literary Agency A/S, Copenhagen.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Kinesen

Traduzido da versão inglesa *The man from Beijing*

Capa

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio

Foto de capa

© Carl Johan Ronn/ Johnér Images/ Corbis (dc)/ LatinStock

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Huendel Viana

Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mankell, Henning

O homem de Beijing / Henning Mankell ; tradução George Schlesinger. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Kinesen.

ISBN 978-85-359-1854-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura sueca) 2. Romance sueco I. Título.

11-03115

CDD-839.737

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sueca 839-737

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Schwarcz Ltda.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacia.com.br

Sumário

PARTE 1

O silêncio (2006), 9

O epitáfio, 11

A juíza, 53

PARTE 2

A ferrovia (1863), 123

O caminho para Cantão, 125

A pena e a pedra, 164

PARTE 3

A fita vermelha (2006), 203

Os Rebeldes, 205

O jogo chinês, 274

PARTE 4

Os colonizadores (2006), 335

Casca de árvore arrancada por elefantes, 337

Chinatown, Londres, 428

Epílogo, 501

Nota do autor, 503

PARTE 1

O silêncio (2006)

Eu, Birgitta Roslin, declaro solenemente que hei de empenhar o melhor de meu conhecimento e agir de acordo com minha consciência para julgar sem temor ou parcialidade, seja o acusado rico ou pobre, e conforme as leis e os estatutos da Suécia; jamais perverter a lei e tampouco promover injustiça com base em relações de família, amizade, inveja, malevolência ou medo, nem em resposta a subornos ou presentes ou qualquer outra razão, não importando sua natureza; jamais imputar culpa onde haja inocência, nem inocência onde haja culpa. Jamais hei de revelar àqueles que comparecem à Corte, nem antes nem depois de o julgamento ser realizado, deliberações que tenham ocorrido a portas fechadas. Como juíza honesta e sincera, eu me empenharei em respeitar sempre este juramento solene.

Código de Procedimento Judicial, Cap. 4, §11,
Juramento Judicial

O epitáfio

1

Neve congelada, gelo por toda parte. Pleno inverno.

No início de janeiro de 2006, um lobo solitário cruza a fronteira não marcada e penetra na Suécia vindo de Vauldalen, na Noruega. Um homem numa moto de neve pensa que talvez o tenha visto de relance nos arredores de Fjällnäs, mas ele é incapaz de identificá-lo com precisão, uma vez que o animal desaparece no meio das árvores rumando para leste. Nas remotas montanhas norueguesas de Österdalarna, o lobo havia descoberto uma carcaça de alce congelada, com restos de carne ainda grudados nos ossos. Mas isso foi há mais de dois dias. Agora ele começa a sentir a fisgada da fome e está desesperado atrás de comida.

O lobo é um macho jovem em busca de um território próprio. Ele prossegue seu caminho rumo ao leste. Em Nävjarna, ao norte de Linsell, descobre outra carcaça de alce. Durante um dia inteiro fica ali comendo até se satisfazer, antes de retomar seu caminho para leste. Ao chegar a Kårböle, ele trota sobre o

Ljusnan congelado e aí segue o rio ao longo de seu trajeto sinuoso em direção ao mar. Numa noite sem luar, ele galopa silenciosamente sobre a ponte em Järvsö e então se dirige para as vastas florestas que se estendem até a costa.

Ao amanhecer de 13 de janeiro o lobo alcança Hesjövalen, um minúsculo vilarejo ao sul do lago Hansesjön em Hälsingland. Ele dá uma parada e fareja o ar. Detecta cheiro de sangue. Olha em volta. As casas são habitadas, mas não há sinal de fumaça nas chaminés. Seus ouvidos aguçados não conseguem detectar som nenhum.

Mas o animal não tem dúvidas sobre o sangue. Ele se esgueira pela borda da floresta, focinho no ar. Então segue adiante, silenciosamente, em meio à neve. O cheiro vem de uma das casas no final da aldeia. Ele agora está alerta — com humanos é essencial ser ao mesmo tempo cuidadoso e paciente. Dá outra parada. O cheiro vem dos fundos da casa. Ele espera. Então recomeça a andar. Quando chega nos fundos da casa, encontra outro cadáver. Arrasta sua enorme refeição para o meio das árvores. Ele não foi descoberto, nem sequer os cães do povoado se manifestaram. O silêncio é total nessa manhã gelada.

O lobo põe-se a comer quando chega à beira da floresta. A carne ainda não congelou, as mordidas são fáceis. Agora ele está muito faminto. Tendo arrancado um sapato de couro, iniciou a refeição pelo tornozelo.

A neve caiu a noite inteira, mas parou pouco antes do amanhecer. Enquanto o lobo se refestela, flocos de neve retomam sua dança sobre o solo congelado.

do com uma fotografia. Ficou deitado imóvel na cama e sentiu a imagem retornar lentamente, como se o negativo de seu sonho estivesse enviando uma cópia para sua mente consciente. Reconheceu a foto. Era uma foto em preto e branco, de um homem sentado numa velha cama de ferro, com um rifle de caça na parede e um urinol a seus pés. Quando a vira pela primeira vez, ficara siderado pelo sorriso melancólico do velho. Percebia algo de temeroso e evasivo no homem. Bem mais tarde Karsten viria a descobrir o que havia por trás daquela figura. Alguns anos antes, ao caçar aves marinhas, o homem acidentalmente atirara e matara seu único filho. Daquele dia em diante o rifle jamais saíra da parede, e o homem havia se tornado um eremita.

Höglin pensou que, entre os milhares de fotos e negativos que já tinha visto, esta era uma que ele jamais esqueceria. Desejava ter ele próprio tirado a fotografia.

O relógio na mesinha de cabeceira marcava sete e meia. Höglin em geral acordava bem cedo, mas nessa noite havia dormido mal, a cama e o colchão eram desconfortáveis. Anotou mentalmente que faria uma queixa ao deixar o hotel.

Era o nono e último dia da sua viagem, uma viagem possibilitada por uma bolsa que lhe permitia estudar aldeias desertas e outros pequenos assentamentos que estavam sendo abandonados pela população. Chegara até Hudiksvall e restava um vilarejo para fotografar. Ele escolhera esse vilarejo específico porque lá vivia um velho que lera sobre o seu projeto e lhe mandara uma carta. Höglin ficara impressionado com a carta e resolvera que aquele seria o lugar para concluir seu estudo.

Levantou-se e abriu as cortinas. Havia nevado durante a noite, e o dia estava cinzento, o sol ainda não surgira. Uma mulher superagasalhada passou de bicicleta na rua lá embaixo. Karsten a observou e imaginou como devia estar frio. Cinco graus negativos, talvez sete.

Vestiu-se e pegou o lento elevador até a recepção. Havia estacionado o carro no pátio cercado atrás do hotel. Ali o carro estava seguro. Mesmo assim, levava todo seu equipamento fotográfico para o quarto, como de hábito. Seu pior pesadelo era um dia chegar no carro e descobrir que todas as câmeras tinham sumido.

A recepcionista era uma moça jovem, mal saída da adolescência. Ele notou sua maquiagem descuidada e desistiu da ideia de reclamar da cama. Afinal, não tinha intenção de algum dia voltar ao hotel.

Na sala do café da manhã alguns hóspedes estavam absortos em seus jornais matutinos. Por um breve momento ele ficou tentado a pegar uma câmera e tirar uma foto. Aquilo lhe dava a sensação de que a Suécia sempre tinha sido exatamente assim. Pessoas quietas, com uma xícara de café e os olhos enfiados nos jornais e, todos absortos em seus pensamentos, seus destinos.

Mas resistiu à tentação, serviu-se de café, passou manteiga em duas fatias de pão e pegou um ovo cozido mole. Sem jornal, comeu rapidamente. Detestava fazer uma refeição sozinho, sem nada para ler.

Estava mais frio do que esperava ao sair do hotel. Ficou na ponta dos pés para ler o termômetro na janela da recepção. Onze graus negativos. E a temperatura caía, ele desconfiou. Aí vem o período de frio que estávamos esperando. Pôs as malas no banco traseiro, ligou o motor e começou a tirar o gelo do para-brisa. Havia um mapa no banco do passageiro. No dia anterior, depois de tirar fotos de uma aldeia perto do lago Hassela, havia elaborado o roteiro para chegar ao seu porto final: pegar a estrada principal rumo ao sul, sair na direção de Sörforsa, perto de Iggesund, e aí prosseguir pela costa, leste ou oeste, do lago que uns chamavam Storsjön e outros Långsjön. O sujeito do posto de gasolina no caminho de Hudiksvall lhe avisara que a

estrada do leste estava ruim, mas ele decidiu pegá-la mesmo assim. Seria mais rápido. E a luz estava tão linda nessa manhã de inverno. Ele já podia visualizar a fumaça saindo das chaminés em direção ao céu.

Levou quarenta minutos para chegar lá. Mas aí já tinha feito uma conversão errada, pegando uma estrada que levava para o sul, para Näcksjö.

Hesjövallen situava-se num pequeno vale junto a um lago cujo nome ele não conseguia se lembrar. Hesjön, talvez? As densas florestas estendiam-se por todo o caminho para o vilarejo, de ambos os lados da estreita via que subia até Härjedalen.

Karsten parou na entrada da minúscula aldeia e desceu do carro. Agora havia aberturas nas nuvens. A luz ficaria mais difícil de captar, talvez não tão expressiva. Olhou ao redor. Tudo estava quieto. As casas davam impressão de estar ali desde tempos imemoriais. Ao longe pôde ouvir o leve ruído de tráfego na estrada principal.

Subitamente sentiu um mal-estar. Conteve a respiração, como sempre fazia ao ser confrontado com algo que não entendia.

Então deu-se conta — as chaminés: não havia fumaça nelas. Não havia sinal de fumaça, que seria uma característica significativa das fotos que pretendia tirar. Seu olhar moveu-se lentamente de uma casa para outra. Alguém já limpou a neve, pensou. Mas por que não acendeu um único fogo? Lembrou-se da carta que recebera do homem que lhe contara sobre a aldeia. Ele havia se referido às chaminés e a como as casas pareciam, de um modo infantil, estar enviando sinais de fumaça umas para as outras.

Suspirou. As pessoas não escrevem a verdade, mas o que pensam que você quer ler. Agora, devo tirar fotos de chaminés sem fumaça ou abandonar a coisa toda? Ninguém o forçava a tirar fotografias de Hesjövallen e de seus habitantes. Já tinha fotos

de sobra da Suécia que estava desaparecendo: fazendas abandonadas, povoados remotos cuja única esperança de sobrevivência era que dinamarqueses e alemães comprassem as casas e as transformassem em chalés de veraneio. Resolveu ir embora e retornou ao carro. Mas não acionou o motor. Já que tinha vindo tão longe, o mínimo que podia fazer era tentar fazer algum retrato dos habitantes locais — ele queria rostos. Com o passar dos anos, Karsten Höglin fora ficando cada vez mais fascinado por pessoas idosas. Queria compilar um álbum: retratos que descrevessem a beleza que se vê apenas nas faces de mulheres muito velhas, suas vidas e provações gravadas na pele como sedimentos numa parede rochosa.

Saiu do carro, puxou o chapéu de pelo até as orelhas, pegou uma Leica M6 que vinha usando nos últimos dez anos e dirigiu-se até o grupo de casas mais próximo. Eram dez ao todo, quase todas de madeira e pintadas de vermelho, algumas com rampas anexas. Apenas uma casa era moderna, se é que podia ser chamada de moderna — uma casa deslocada, estilo anos 1950. Ao chegar ao portão, parou e ergueu a câmera. Uma placa indicava que ali vivia a família Andrén. Bateu algumas fotos, variando a abertura e o tempo de exposição, buscando ângulos diversos, embora estivesse óbvio que ainda não havia luz suficiente e que ele obteria apenas um borrão indistinto. Mas nunca se sabe. As fotografias às vezes revelam segredos inesperados.

Höglin era intuitivo com seu trabalho. Não que não desse importância a medir níveis de luz quando necessário, mas às vezes tirava da cartola resultados surpreendentes sem prestar atenção ao cálculo cuidadoso dos tempos de exposição. A improvisação fazia parte do seu território.

O portão estava emperrado. Ele teve de empurrar com força para abrir. Não havia marcas de pés na neve recém-caída. E ainda nada de som, nem mesmo um cachorro. Está deserta, ele pensou. Isto não é uma aldeia, é o *Holandês Voador*.